

# Oração à Chuva

Perboyre e Silva

Os que nascemos no bochorno cearense aprendemos a amar-te o canticó, ó mãe das searas fecundas e dos lares bonançosos. Refrigério das estradas combustas e das rechãs estiroladas. Embrião da alegria e da paz. Unção misericordiosa do Ceará.

És uma romanza de amor. O Solo, o Solo cearense, que a canícula estorrica e inflama, é teu enamorado eterno. Quanto mais foges, mais êle te deseja e mais arde, mais se calcina e mais se inferniza, no desespêro de tua ausência. Estala, na sêde de teu beijo. Combure-se, tantalizado. Anseia por ti, chispa revérberos de ódio, porque o fogo de suas entranhas exige o sedativo do teu bálsamo, a maciez do teu afago, a pianíssima ternura glacial de tuas gotas. É — pobre enamorado — repulsa de sôbre si os últimos lampejos da vida. É transforma sua face num lutuoso painel de catacumbas.

Mas, quando vens, e desces, noiva simbólica, tamborilando o rumor de tuas bâtegas, o Solo recebe a carícia dos teus ósculos. Embebe-os, sôfrego. Transfigura-se. É opera-se, nesse encontro, o milagre sempiterno do amor. Do amor que dá entusiasmo e dá frutos. Do amor que perpetua, na face da terra, o FIAT genesiáco da criação.

A natureza, nesse encontro, representa o grande tálamo nupcial — teu e do Solo.

Que é, senão o hino das tuas núpcias, o sertão que rebenta em flôres e bagas? Que é, senão o produto dêsse amor, o florir dos mandacarús e dos manacás, dos milharais de espigas loiras e dos canaviais que farfalham? Donde nascem, ó noiva cantarolante, senão da fôrça geratriz dos teus beijos, a policromia dos pomares e o tropical esplendor das colheitas? Donde o aroma dos mofumbais em flor, a ressurreição dos bugaris e dos girassóis? Donde e por que, senão de ti e por ti, êsse hinário de natal, a proliferação da vida e a seiva das vergôntecas que desabrocham na terra, emoldurando-a de verde?

Renova, todos os anos, ó Chuva, êsse milagre bíblico de amor!

Carícia do firmamento, geradora das clorofilas, mãe das côres da Esperança, modula, sempre, a serata das tuas águas, porque és a fada que

transformas o deserto líbico de nossa terra no roseiral da **promissão!**

És o impulso inicial da nossa existência de povo. Sem ti, morrerá conosco, em nossa inquieta geração, a sementeira da nossa raça. Agônica, definhará a galeria dos nossos homens. Sem ti, haveremos de pulverizar-nos e sucumbir. E não daremos mais ao Brasil nem o heroísmo nem a luz. Nem a carne para as metralhas, nem a centelha para as lucubrações do espírito. Daremos, apenas, no infortunio patibular de tua ausência, e no delíquio final, a última procissão brasileira dos mártires e dos santos.

Volta, sempre, e realiza, todos os anos, junto ao Solo, o milagre do teu amor!

Faze-o, para que as nossas montanhas reverdeçam, engrinaldadas de rosas. Para que as águas cascadeiem, sonoras, nos **arrosios e nas grotas**. Para que se multipliquem as messes do nosso labor. Para que os algodoais, lembrando asas de cisnes, abram os flocos brancos, como visão de eucaristias. Para que nos radiquemos á gleba. Para que de nossas mãos desapareça o bernal de mendigos. Para que as violas continuem a gemer, e os sambas a vibrar, na cenografia dos sertões. Para que o corpo da nossa gente, dos nossos gibões de couro, repouse, um dia, alquebrado, não nos paúis da Amazônia, mas nas entranhas da nossa terra.

Opera, todos os anos, ó Chuva, o milagre eterno do amor. Apieda-te do nosso Solo, que, quanto mais foges, mais se contorce e mais arde, mais se estiola e calcina, mais definha e mais se inferniza, desesperado e trágico, na sêde infinita do teu beijo!

Volta, de novo, ó Chuva, sobretudo agora, e faz **reacender-se em nossos lares o círio votivo da Esperança!**